

Revista Multidisciplinar

**SER NEGRO: AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA AFRO -
BRASILEIRA NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE CRIANÇAS**

Priscilla Patrício de Holanda, Keila Belchor da Silva Ferreira e
Eliete Maria Bueno da Cunha



<https://https://ndmais.com.br/cidadania/combate-a-discriminacao-racial-pode-comecar-na-escola/>

PERIÓDICO CIENTÍFICO INDEXADO INTERNACIONALMENTE

ISSN

International Standard Serial Number
2966-0599

www.ouniversoobservavel.com.br

SER NEGRO: AS CONTRIBUIÇÕES DA LITERATURA AFRO - BRASILEIRA NA FORMAÇÃO IDENTITÁRIA DE CRIANÇAS

Priscilla Patrício de Holanda¹
priscyholanda@gmail.com

Keila Belchor da Silva Ferreira²
keila-belchor@hotmail.com

Eliete Maria Bueno da Cunha³
elietembueno@gmail.com

Revista o Universo Observável
DOI: 10.5281/zenodo.13916695
[ISSN: 2966-0599](https://doi.org/10.5281/zenodo.13916695)

¹ Mestra em Educação – Universidade Federal de Catalão

² Mestranda em Educação – Universidade Federal de Catalão

³ Mestranda em Educação – Universidade Federal de Catalão

RESUMO: Nas últimas duas décadas tem havido um significativo e crescente interesse de pesquisadores e estudiosos em torno da relação educação e questão racial no Brasil. Trata-se de um campo de produção de conhecimento que se afirma em todas as modalidades a educação. Colaborando com a produção sobre as relações étnico-raciais, alguns estudiosos como Elaine Cavalleiro (2010); Kabengele Munanga (2001); Nilma Gomes (2011), tem nos levado à reflexão sobre o racismo no universo escolar. Incitando-nos na busca por práticas educacionais que desconstruam paradigmas engessadores e excludentes, e promovam uma educação voltada para a igualdade. No Brasil o preconceito em relação aos negros tem características próprias, ele ocorre principalmente levando-se em consideração os traços físicos, tais como cabelo, cor de pele, formato da boca, do nariz, definido por Oracy Nogueira como “preconceito de marca”. Diferentemente do que ocorre nos Estados Unidos, onde o preconceito é determinado particularmente pela descendência, origem (NOGUEIRA, 1998). Temos um país formado por uma diversidade de grupos étnico-raciais, plural em suas crenças e costumes. Por se tratar de um país subdesenvolvido social, econômico e politicamente apresenta graves problemas relacionados à educação. As condições sociais precárias desta população mais carente e vulnerável, que se constitui majoritariamente de negros, tem se confirmado no processo de aprendizagem, refletidas nas dificuldades de acessibilidade à escola, nos baixos índices de formação, altos índices de evasão escolar, nas más condições estruturais e organizacionais e nas diversas formas de discriminação dentro e fora da escola (CAVALLEIRO, 2001). No âmbito escolar, a temática da educação para as relações étnico-raciais é complexa, na maior parte negligenciada, ou deixada em segundo plano. Muitos professores e corpo escolar de modo geral, não estão preparados para lidar com as situações de racismo e exclusão social. São questões que geram desconforto e tensão. Diante disso, muitos professores optam pelo silêncio diante de situações de racismo, há ainda aqueles que negam a existência do racismo na escola, o que agrava e perpetua tais situações (SILVA, 1997). Na infância atos discriminatórios podem deixar sequelas incuráveis. Um passo importante em busca de uma educação antirracista é reconhecer a existência dessas atitudes na escola e buscar intervir de modo pedagógico. O silêncio por parte do professor pode demonstrar conivência, gerando baixa autoestima e revolta em quem sofreu a ação racista. Diante disso, professores, coordenadores e diretores precisam estar sensibilizados para a gravidade deste problema, que pode intervir negativamente na vida do aluno. Nesse sentido é que pensamos a literatura infantil como instrumento pedagógico alternativo de desconstrução de estereótipos e enfrentamento da criança negra, uma vez que o texto literário tem se mostrado poderosa fonte de cultura e conhecimento, ao mesmo tempo em que se trabalhada eficazmente, também pode ser prazer e diversão. Este estudo propõe-se a analisar e dialogar sobre a relevância da literatura infantil no processo identitário da criança, na sua produção de significados, no que diz respeito às produções literárias voltadas para as relações étnico-raciais. Interessa-nos compreender de que maneira o estudo da cultura africana e afro-brasileira com alunos do ensino infantil, através de práticas de leitura e contações de histórias, contribui na formação da autoestima do aluno negro, promovendo a construção de uma competência racial.⁴ Dentre as obras afro-brasileiras destinadas ao público infantil foram selecionadas: ‘Bruna e a galinha d’angola’ de Gercilga de Almeida (2011); ‘Cada um com seu jeito, cada jeito é de um’ de Lucimar Rosa (2012); ‘Obax’ de André Neves (2010); ‘Menina bonita do laço de fita’ de Ana Maria Machado (2005); ‘Menino Nito’ de Sônia Rosa (2006); ‘Minha mãe é negra sim!’ de Patrícia Santana (2008), ‘Tanto Tanto’ de Trish Cooke (1997).

Palavra chave: Crianças negras; literatura; antirracismo.

⁴ Competência racial é ter noção da importância de que se tenham claramente definidas as questões referentes ao pertencimento racial e ao preconceito racial (JULIO, 2009, p. 7).

ABSTRACT: *In the last two decades there has been a significant and growing interest from researchers and scholars around the relationship between education and racial issues in Brazil. It is a field of knowledge production that is present in all types of education. Collaborating with the production on ethnic-racial relations, some scholars such as Elaine Cavalleiro (2010); Kabengele Munanga (2001); Nilma Gomes (2011), has led us to reflect on racism in the school world. Encouraging us to search for educational practices that deconstruct rigid and exclusionary paradigms, and promote a distinct education for equality. In Brazil, prejudice towards black people has its own characteristics, it occurs mainly taking into account physical traits, such as hair, skin color, shape of the mouth and nose, defined by Oracy Nogueira as “brand prejudice”. Unlike what happens in the United States, where prejudice is determined specifically by descent and origin (NOGUEIRA, 1998). We have a country made up of a diversity of ethnic-racial groups, plural in their beliefs and customs. As it is a socially, economically and politically underdeveloped country, it presents serious problems related to education. The precarious social conditions of this most needy and vulnerable population, which is mostly made up of black people, have been confirmed in the learning process, reflected in the difficulties in accessibility to school, low training rates, high school dropout rates, and poor structural conditions. and organizational aspects and in the various forms of discrimination inside and outside the school (CAVALLEIRO, 2001). At the school level, the issue of education for ethnic-racial relations is complex, mostly neglected, or left in the background. Many teachers and school staff in general are not prepared to deal with situations of racism and social exclusion. These are questions that generate discomfort and tension. Given this, many teachers choose to remain silent when faced with situations of racism, there are still those who deny the existence of racism at school, which worsens and perpetuates such situations (SILVA, 1997). In childhood, discriminatory acts can leave incurable consequences. An important step in the search for anti-racist education is to recognize the existence of these attitudes at school and seek to intervene in a pedagogical way. Silence on the part of the teacher can demonstrate connivance, generating low self-esteem and anger in those who suffered the racist action. Therefore, teachers, coordinators and directors need to be aware of the seriousness of this problem, which can have a negative impact on the student's life. In this sense, we think of children's literature as an alternative pedagogical instrument for deconstructing stereotypes and confronting black children, since literary texts have proven to be a powerful source of culture and knowledge, at the same time that if worked effectively, they can also be pleasure and fun. In this sense, we think of children's literature as an alternative pedagogical instrument for deconstructing stereotypes and confronting black children, since literary texts have proven to be a powerful source of culture and knowledge, at the same time that if worked effectively, they can also be pleasure and fun. This study aims to analyze and discuss the relevance of children's literature in the child's identity process, in their production of meanings, with regard to literary productions focused on ethnic-racial relations. We are interested in understanding how the study of African and Afro-Brazilian culture with preschool students, through reading practices and storytelling, contributes to the formation of black students' self-esteem, promoting the construction of racial competence. Among the Afro-Brazilian works aimed at children, the following were selected: ‘Bruna e a hen d’angola’ by Gercilga de Almeida (2011); ‘Each one with their own way, each way is different’ by Lucimar Rosa (2012); ‘Obax’ by André Neves (2010); ‘Pretty girl with a ribbon bow’ by Ana Maria Machado (2005); ‘Menino Nito’ by Sônia Rosa (2006); ‘My mother is black, yes!’ by Patrícia Santana (2008), ‘So much’ by Trish Cooke (1997).*

Keywords: Black children; literature; antiracism.

O PAPEL DO ESPAÇO ESCOLAR NA DESCONSTRUÇÃO DO RACISMO INSTITUCIONAL

O racismo pode se manifestar no convívio diário com os colegas, nos corredores, na hora do lanche, nas brincadeiras no pátio ou até mesmo em sala de aula. A omissão de professores, pais e direção quanto à violência velada do racismo escolar também é agressão. De forma que a escola que deveria ser local de acolhimento de toda criança, independente da etnia acaba não recebendo a criança negra com esse acolhimento, não havendo inclusão pelo fato de não trazer para seu cotidiano práticas que reconheçam positivamente a criança negra, sua aparência, sua cultura e costumes.

De acordo com Trindade (2013), o caminho seria trabalhar com a existência da diferença, o que obriga-nos a rever posições e valores nas relações de preconceitos. Não é possível expandirmos a educação multicultural apenas na biblioteca, no computador, ou na sala multidisciplinar, só através dos textos e da palavra escrita, produzimos palavras, poesia, mas também somos um corpo que tem cheiros, texturas, cor e expressões corporais. Esta percepção só se dá realmente com o contato, e no encontro que o diálogo coletivo nos proporciona.

A escola é o espaço social em que educandos adquirirão conhecimentos necessários para sua formação intelectual, cultural e social. Assim sendo, deve buscar em seu projeto pedagógico, valorizar as diferenças e as relações que os indivíduos estabelecem consigo e com os outros. A escola é o lugar que delimita espaços, os quais são instituídos a partir de símbolos e códigos adquiridos, que contribuirão mapeando o que cada um pode ou não fazer, separando, elegendo e legitimando diferenças (GOMES, 2006).

São muitos os desafios diante da diversidade na educação básica, daí a urgência de medidas políticas que garantam aos grupos sociais acesso a uma educação de qualidade. Para Gomes (2013), vem sendo consolidada uma nova sensibilidade nas escolas públicas em relação à diversidade e suas múltiplas dimensões na vida desses sujeitos excluídos, a qual vem se traduzindo em ações pedagógicas concretas de transformação no sistema educacional público.

Com a instituição da Lei 10.639/03 que alterou a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e estabeleceu as diretrizes e bases da educação nacional, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”. A lei 10.639/03 está fundamentalmente baseada na reflexão que tem como base o princípio de igualdade, tendo a ideia de que somos todos sujeitos históricos e sociais. Baseado no art. 26º da LDB:

Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013).

Após promulgação da lei 10.639/03 observam-se muitas produções de livros e materiais, didáticos e paradidáticos, que contribuem com a valorização de textos e imagens dos negros no intuito de desmistificar alguns estereótipos desse grupamento populacional.

Sob o mito da democracia racial brasileira, a existência do racismo adquiriu raízes profundas, em que o mascaramento e a “cordialidade” tornaram mais difíceis à identificação e o combate. Tão verdade é que, a mestiçagem é o exemplo mais gritante dessa busca por uma identidade nacional.

Segundo Munanga (1999), em relação à cultura negra e suas identidades não podemos falar em pureza, uma vez que a identidade negra é formada por um complexo de identidades (gênero, raça, classe social, etnia, nacionalidade). Um dos caminhos propostos por Gomes (2004) na construção de uma representação positiva do afro-brasileiro é a tarefa de desnaturalização das desigualdades raciais. Para o autor cabe a nós, educadoras e educadores, tal tarefa. E,

talvez, um primeiro passo a ser dado pelas educadoras e pelos educadores que aceitam o desafio de pensar os vínculos entre educação e identidade negra seja reconhecer que qualquer intervenção pedagógica a ser feita não pode desconsiderar que, no Brasil, vivemos sob o mito da democracia racial e padecemos de um racismo ambíguo. A partir daí, é preciso compreender que uma das características de qualquer racismo é sustentar a dominação de determinado grupo étnico/racial em detrimento da expressão da identidade de outros. É no cerne dessa problemática que estamos inseridos, o que significa estarmos em uma zona de tensão. (GOMES, 2004, p.6).

Nesse sentido destaca-se o papel do professor e de sua atuação em sala na perpetuação de uma educação segregacionista ou no rompimento com os paradigmas. Conforme Romão (2001), o educador que não foi preparado para trabalhar com a diversidade, tende a adotar uma postura etnocêntrica, em que as crianças negras não seriam capazes de acompanhar o conteúdo, conclusões estas baseadas nos estereótipos raciais e culturais de que estas crianças são “relaxadas” ou desinteressadas devido à sua origem de classe.

Estudos realizados demonstram um maior índice de analfabetismo entre crianças, jovens e adultos negros, bem como uma desvantagem em relação ao ritmo que cumprem a trajetória escolar em comparação ao aluno branco. Também é constante uma maior evasão escolar em relação aos alunos da raça negra (MUNANGA, 2001).

Para Hasenbalg (1987) havia na década de 1980 e 1990 um mecanismo de recrutamento na rede pública de ensino, onde as crianças negras eram selecionadas e direcionadas para escolas mais pobres, levando-se em conta o critério da cor e da condição de classe. Ao se formar assim um público escolar mais “homogêneo”, os docentes davam-lhes um tratamento baseado no imaginário social de que o negro não é educável, sendo inferior intelectualmente e afetivamente por geralmente vir de uma família carente com problemas sociais, proporcionando-lhes assim oportunidades diferentes daquelas ofertadas aos alunos brancos “mais preparados”:

A discriminação racial opera, na nossa sociedade, como um processo que acarreta inúmeras desvantagens para o grupo negro e para toda a sociedade brasileira, direta ou indiretamente. Compreende-se que o reconhecimento positivo das diferenças etnias deve ser proporcionado desde os primeiros anos de vida. Para tornar a pré-escola um espaço positivo ao entendimento das diferentes etnias, é necessário observarmos o processo de socialização atualmente desenvolvido no espaço escolar, que conforme demonstrado por diversos estudos e pesquisas parece ignorar essa questão. Contudo, a educação infantil não pode esquivar-se do dever de preparar o indivíduo para a existência das diferenças étnicas, já que ela, inevitavelmente, permeará a sua relação com os demais cidadãos. (CAVALLEIRO, 2006 p. 26).

Por outro lado, autores como Gomes (2003), defendem a ideia que práticas discriminatórias e a disseminação de um padrão único de ensino – aprendizagem não condiz com uma visão pedagógica que enxergue semelhanças e diferenças. Como nos afirma “A construção de práticas democráticas e não preconceituosas implica o reconhecimento do direito à

diferença, e isso inclui as diferenças raciais. Aí, sim, estaremos articulando educação, cidadania e raça” (GOMES, 2001, p. 87).

A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA INFANTIL COMO PRÁTICA ANTIRRACISTA

É inegável a importância da leitura de obras literárias no desenvolvimento humano, quer seja com o objetivo de desenvolver o hábito/prática da leitura, ou favorecer a construção de sentidos e entendimento das relações sociais conforme nos afirma Freire (1999). O texto literário alcança a esfera imaginativa, criando assim uma nova relação entre situações reais e situações imaginárias. A leitura é responsável por contribuir de forma significativa na formação do indivíduo, levando-o a perceber a sociedade, desvendando e disponibilizando o cotidiano, além de ampliar a maneira como entendemos e nos entendemos no mundo, o que proporciona desenvolvimento e aprendizagem (FREIRE, 1999).

Segundo Zilberman e Silva (1988) a leitura como prática social e escolar vem sendo estudada por diversas áreas do conhecimento, como a Linguística, a Psicologia, a História, a Sociologia, conforme o foco da pesquisa de cada um desses campos teóricos a concepção de leitura se modifica. A leitura literária é fundamental no desenvolvimento da criança, fazendo muita diferença no processo de desenvolvimento cognitivo dos alunos de modo geral, não somente na área de línguas, mas em todas as áreas. Conforme nos afirma Frantz:

Acreditamos que é muito importante para o aluno a convivência com os mais variados tipos de texto, pois cada um revelará ao leitor uma faceta diferente da relação texto-mundo. Entretanto, para o aluno das séries iniciais é a leitura do texto literário a que deve predominar sobre as demais, por ser esse o texto que maiores afinidades têm com o leitor infantil, por ser um texto que envolve o leitor por inteiro, apelando para as suas emoções, a sua fantasia, o seu intelecto, e por apresentar o mundo a partir de uma perspectiva lúdico estética, aspecto esse que não se pode desconsiderar, principalmente se tratando do leitor criança (2011, p. 33).

Os livros literários escolhidos para análise propõem a educar para as relações étnico-raciais. Em cumprimento à Lei 10.639/03 que alterou a Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996 e estabeleceram às diretrizes e bases da educação nacional, incluindo no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, esse tipo de literatura tem como objetivo principal reverter imagens e significados negativos produzidos sobre os africanos, afro-brasileiros e indígenas.

A literatura afro-brasileira⁵ se diferencia dos outros estilos literários por se tratar de escritos que abordam minorias e gritam vozes silenciadas, são mulheres e homens negros, homossexuais, além das classes economicamente desfavorecidas, propondo-se a promover a alteridade. Como instrumento de transformação, elementos que retratam não apenas uma luta coletiva, mas no seu íntimo a luta individual desses personagens “não pertencentes”.

A temática dominante é o negro na sociedade, o resgate da memória, tradições, religiões, cultura e a denúncia contra o drama da marginalidade do negro na sociedade brasileira devido, sobretudo, à persistência de diferentes formas de preconceito; o ponto de vista é o do negro que emerge no poema como o eu enunciador, assumindo as rédeas de sua enunciação; a linguagem

⁵ Terminologia defendida por Duarte (2011, p. 127)

possui vocabulário próprio associado à oralidade da cultura negra; o imaginário corresponde ao conjunto de representações que uma comunidade tem de si mesma e mediante o qual se opera a paulatina construção identitária (BERND, 2011, p. 21).

Na literatura de resistência as representações estereotipadas são desconstruídas, através de um novo olhar, passamos a enxergar a beleza, a inteligência do negro, a cultura negra é valorizada, diferentemente da literatura tradicional. O negro é deslocado do lugar-comum que lhe é reservado para escrever e compor sua própria história, não como erótico ou folclorizado, mas como agente capaz de transformação.

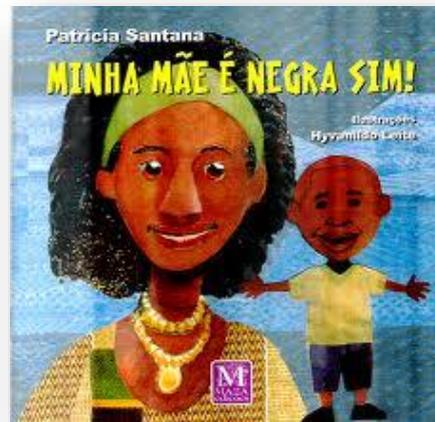
Com certeza, a partir do momento que o universo escolar passa a tratar cientificamente da história do Continente Africano, de seus países e respectivas matrizes étnico-culturais; do sequestro e da venda clandestina de negros africanos para o trabalho escravo no Brasil; dos processos ideológicos de construção das categorias de raça e cor que sustentam a prática do racismo, bem como dos complexos psicológicos que permeiam o imaginário sociocultural brasileiro, a educação nacional será, de fato, um palco no qual se encenam novas performances de igualdade de direitos, liberdade de interação de saberes e respeito às diferenças (COSTA, 2008, p.35).

Diante da grandeza da literatura e das possibilidades do texto literário de se explorar o lúdico com a criança, instigar-lhe a curiosidade e criatividade e também a questão da representação estética, que buscamos oferecer às crianças a leitura partilhada das obras escolhidas, no momento de contações de histórias a algumas turmas da rede pública de educação (que serão selecionadas à posteriori) com idade entre três e seis anos, almejando desenvolver um diálogo de descobertas e conhecimento de si mesmos, enquanto crianças, futuros leitores e cidadãos, afinal a literatura possui também um caráter político.

Apresento a seguir alguns aspectos das obras selecionadas. Elas foram divididas em quatro categorias: tradição e cotidiano familiar; a estética da menina negra; a estética do menino negro e cultura africana.

TRADIÇÃO E COTIDIANO FAMILIAR

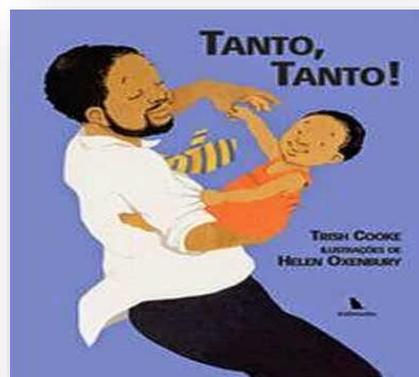
Minha mãe é negra sim!



Ficha Catalográfica: Autor: Patrícia Santana; Ilustrador: Hyvanildo Leite; Editora: Mazza Edições; Ano: 2008.

Conta a história de Eno, que se depara com situações de racismo na escola e sofre com o dilema de ter que retratar sua mãe negra, em uma atividade escolar. O garoto começa a questionar sua origem. Negro, ele percebe o preconceito da professora que sugere que ele pinte o desenho da mãe, negra, de amarelo por ser uma cor mais bonita. A mãe, que ele tanto amava e era tão linda! Mas como contestar a professora? Triste, o menino vai procurar saber no dicionário uma explicação para o racismo, não encontrando vai falar com o avô, com quem tem uma conversa de encontro às suas origens, e ao seu amor paternal.

Tanto, tanto!



Ficha Catalográfica: Autor: Trish Cooke; Ilustrador: Helen Oxenbury; Editora: Ática; Ano: 1997.

Tanto, tanto! É a história de uma reunião familiar para uma festa supressa de aniversário. Sendo o momento especial, a chegada de cada convidado com sua maneira de saudar a todos e ao bebê. Entre cada chegada, há a partilha da convivência familiar e dos laços de amor retratados em lembranças, memórias, e cantigas. É um enredo de carinho, repleto das mais variadas formas de afeto: beijo, abraço, brincadeiras.

A ESTÉTICA DA MENINA NEGRA

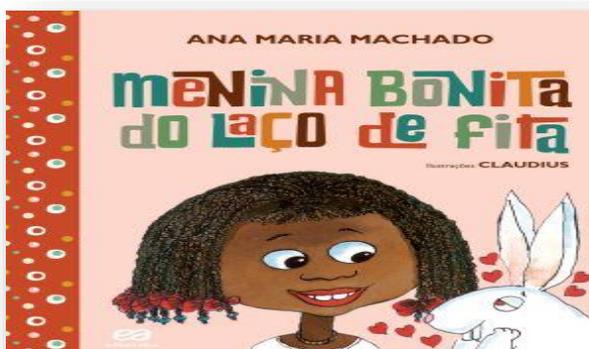
Cada um com seu jeito, cada jeito é de um!



Ficha Catalográfica: Autor: Lucimar Rosa; Ilustrador: Sandra Beatriz Lavandeira; Editora: Alvorada; Ano: 2012.

O livro conta sobre Luanda, uma menina negra muito vaidosa, que adora o seu cabelo crespo, dividindo com todas as mulheres da família, seu hobby por penteados que inventa para desfilar sempre linda na escola. Foi seu pai quem escolheu esse nome, em homenagem à cidade africana. A leitura promove o reconhecimento e a valorização das diferenças e das características pessoais que fazem de cada indivíduo um ser único e que deve se amar do jeitinho que é.

Menina Bonita do Laço de Fita

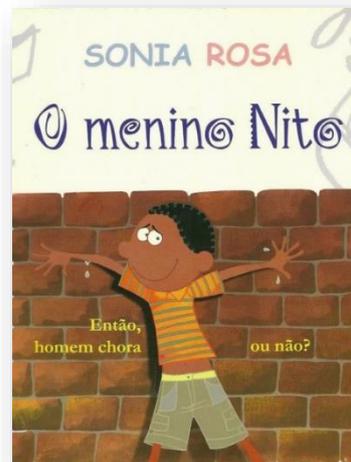


Ficha Catalográfica: Autor: Ana Maria Machado; Ilustrador: Claudius; Editora: Ática; Ano: 2005.

Esse livro é uma linda história de valorização da beleza negra, onde um coelho branquinho queria casar-se e ter uma filha “bem pretinha”. Durante a obra, o coelho tenta descobrir como conseguirá realizar seu desejo. Nesta história diferencial de outras, o bonito é ser negro. Sempre que avistava a menina do laço o coelho, seu vizinho ficava se perguntando o que poderia fazer para ter uma filha tão linda quanto ela, sem saber o que dizer, a menina inventava-lhe histórias. Com o desenrolar da história, o que vemos é a transformação da menina em uma mulher liberta, que depois de muito resistir consegue assumir sua identidade e sua negritude.

A ESTÉTICA DO MENINO NEGRO

O Menino Nito

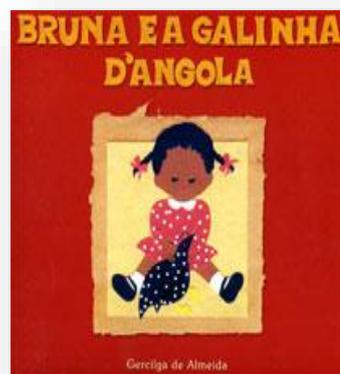


Ficha Catalográfica: Autor: Sônia Rosa; Ilustrador: Vitor Tavares; Editora: Saraiva; Ano: 2006.

Na história o personagem principal é um menino negro, sendo os temas centrais abordados a masculinidade e a beleza negra. Cansado de ouvir Nito chorar por tudo, seu pai certo dia lhe repreende dizendo que “chorar é coisa de mulherzinha”, a partir desse dia o menino reprime suas emoções adoecendo. No decorrer da história o pai fará um caminho de volta na desconstrução do machismo e numa valorização das qualidades do menino.

CULTURA AFRICANA

Bruna e a Galinha d'angola

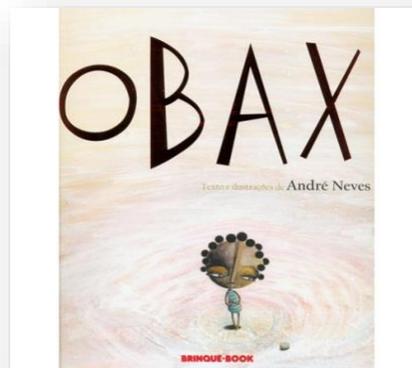


Ficha Catalográfica: Autor: Gercilga de Almeida; Ilustrador: Valéria Saraiva; Editora: Pallas; Ano: 2011.

A obra retrata o universo mítico africano representado pela Galinha d'angola e sua relação com a criação do universo. Conquém é a galinha de Bruna, e parceira da menina que até então se sentia muito sozinha. Com ela, Bruna descobre o universo africano e suas

historias.

Obax



Ficha Catalográfica: Autor: André Neves; Ilustrador: André Neves; Editora: Brinque – Book; Ano: 2010.

Quando amanhece nas savanas, e a luz se espalha sobre a vegetação escura e rasteira. O dia aquece e é hora de descobrir muitas aventuras. OBAX percorre a savana africana com a sua imaginação. Ela conhece girafas e outros animais selvagens, mas o seu passatempo preferido é contar histórias! Algumas delas são tão incríveis que mais parecem um sonho e o texto nos proporciona um passeio pela diversidade e pluralidade do continente africano.

Ao refletir sobre o corpo-negro nos contos analisados, observamos que há todo um processo histórico-cultural em torno da construção do corpo, com diferenciações entre o que é considerado normal e anormal, beleza e feiura. Mulheres e homens negros tiveram a construção discursiva sobre os seus corpos embasada por teorias científicas que ofereciam uma interpretação negativa aos seus atributos (SILVA, 2015).

Na busca por uma beleza que os contemplassem, as associações negras tiveram de investir tanto nas modificações de comportamentos quanto na reafirmação da ancestralidade africana, como estratégias de valorização e ressignificação das qualidades físicas e morais da mulher negra (SANTOS, 2018). Como não eram contemplados pelos modelos de beleza hegemônicos, a comunidade negra, então, reconstrói os discursos sobre a sua estética, o que permite que a corporeidade dessas crianças, futuros adultos seja redesenhada e reconstruída.

Além desses aspectos sobre a estética e a negritude negra, as obras selecionadas ressaltam a valorização da cultura africana, por meio da disseminação de valores e tradições da população negra, pouco ou nada conhecidos, como: brincadeiras; cantigas de roda; jogos; músicas; rituais; festas comemorativas; personagens heróicos; histórias literárias e peças teatrais; sem contar da vasta culinária africana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, com a leitura das obras escolhidas evidenciamos sua potencialidade educativa para a educação antirracista e as sugerimos como instrumento pedagógico para a construção de vias alternativas do currículo escolar. Nós, educadores, como bem já disse a educadora Nilma Lino Gomes, temos a obrigação de contribuir na implementação da educação para as relações étnico-raciais na sociedade brasileira, pois a mudança que queremos começa em nós, educadores e gestores escolares.

REFERÊNCIAS

BERND, Zilá. **Antologia de Poesia Afro-Brasileira: 150 anos de consciência negra no Brasil**. Belo Horizonte: Mazza, 2011.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. Presidência da República. **Lei nº 10.639**, de 9 de janeiro de 2003.

_____. Educação cidadã, etnia e raça: o trato pedagógico da diversidade. In: CAVALLEIRO, Eliane. **Racismo e Anti-racismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Summus, 2001.

CAVALLEIRO, Eliane. Introdução. In: BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2010.

COSTA, Amâncio. Lei 10.639/03, cotidiano escolar e literaturas de matrizes africanas: da ação afirmativa ao ritual de passagem. In: COSTA, Amâncio Etalli. **Literaturas Africanas e afro-brasileira na prática pedagógica**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

DUARTE, Eduardo de Assis (Org.). **Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

FRANTZ, Maria Helena Zancan. **A literatura nas séries iniciais**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se contemplam**. 38ª edição. São Paulo: Cortez, 1999.

GOMES, Nilma. Educação e Identidade Negra. In: BRITO, A. et al. **Kulé- Kulé: educação e identidade negra**. Maceió: EDUFAL, 2004. Disponível em <<http://www.ideario.org.br/neab/kule1/Textos%20kule1/nilma%20lino.pdf>> Acesso em 20 nov.2018.

NOGUEIRA, Oracy. **Preconceito de marca: as relações raciais em Itapetininga**. São Paulo: Edusp, 1998.

SILVA, Maria José Lopes da. Pedagogia Multirracial em Contraposição à ideologia do branqueamento na Educação. In: **As ideias Racistas. Os negros e a educação** /Ivan Costa lima e Jesus Romão (orgs.) Florianópolis, SC: Núcleo de Estudos Negros/NEM, 1997.

ZILBERMAN, R; SILVA, E. T. **Leitura perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ática, 1988.